

volume

17

Dezembro/2011

volume

18

Dezembro/2012

ISSN 01516-2095

ICH - UFPEl

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar  
Gonçalves Borges  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz  
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani  
Gonçalves Ávila  
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.  
Manoel de Souza Maia  
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes  
Luzzardi  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.  
Élio Paulo Zonta  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta  
Trierweiler  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso  
Amaral  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social  
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes  
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

**CONSELHO EDITORIAL**

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.  
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera  
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editor:* Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição:* 2011-2012

ISSN – 1516-2095

**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de  
Ciências Humanas. Universidade Federal de  
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –  
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.  
1v.

Anual  
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

*e-mail:* ndh.ufpel@gmail.com

## **A MEMÓRIA CÍVICA DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MARCÍLIO DIAS ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS DAS DÉCADAS DE 30 E 40 DO SÉCULO XX**

Camila Eberhardt\*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar fotografias cívicas pertencentes ao Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, a escola mais antiga da cidade de Torres, visto que, através do estudo das mesmas, é possível perceber as manifestações de patriotismo no período que compreende as décadas de 30 e 40 do século XX, com o intuito de consolidar a identidade nacional e seus desdobramentos e, também, entender os aspectos mais marcantes advindos dessas construções. Para tanto, foi necessário pontuar alguns objetivos, dentre os quais se destaca: identificar os usos e as funções das fotografias para as instituições escolares. Assim sendo, o estudo proposto busca revelar como é rica a memória dessa instituição escolar, bem como suas implicações socioculturais na cidade de Torres.

### **REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS E EDUCAÇÃO**

A educação sempre permitiu às sociedades, em diferentes tempos, a possibilidade de haver transformações econômicas e culturais. Todavia, ao mesmo tempo, consolida permanências sociais, como descreve Bourdieu (2010). Para ele, o sistema escolar “é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais”. Para tanto, uma longa evolução nas práticas educativas e em suas instituições foi observada no decorrer da história da educação, e, conseqüentemente, as suas representações dentro da sociedade foram se modificando. Para Cambi (1999, p. 49), “no centro da vida social, afirma-se cada vez mais a instituição-escola, que [...] se vai articulando no seu aspecto tanto administrativo como cultural”.

Foi na Idade Média, que surgiu a concepção de infância, onde ocorrem as primeiras representações sobre educação relacionadas à criança. Para Ariès (2006), a noção de infância passa a fazer parte do

---

\* Licenciada em História. Especialista em Cultura, Identidade e História. Aluna no Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de produtividade do CNPQ.

cenário educacional, e as representações imagéticas passam a ser construídas, contribuindo à afirmação desses espaços educativos.

Será a partir da pintura, que até meados do século XIX, foi o principal instrumento de representação da sociedade, que representações sobre educação adquirem relevância. O ensino, por sua vez, viabiliza que essas relações entre imagem e significados sejam construídas ao longo do tempo, através de discursos transmitidos pelos mais diversos meios.

Nesse sentido, é importante fazer uma reflexão acerca das transformações ocorridas no século XIX, principalmente as de cunho tecnológico, as quais transformaram de forma significativa a vida das pessoas. Dentre essas descobertas tecnológicas, encontra-se a técnica fotográfica que permeará todo o campo educacional. Em 1839, os artistas Niepce e Daguerre que “confrontados diariamente com a crescente demanda social da imagem” (Fabris, 1997, p. 13) são reconhecidos como inventores da técnica fotográfica. A imagem fotográfica, em seu princípio, carrega consigo uma expressiva relação de cópia do real, uma imensa semelhança com o real e isso se deve, em parte, à tradição pictorialista com a técnica da perspectiva, que evidencia uma aproximação maior com a realidade, e, devido a isso, se transmitiria uma forte ideia de realidade e precisão. Dubois credits isso ao fato de que, no processo da imagem fotográfica,

Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico “presta contas do mundo com fidelidade”. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. E essa virtude irredutível de testemunho baseia-se principalmente na consciência que se tem do processo *mecânico* de produção da imagem fotográfica, em seu modo específico de constituição e existência: o que se chamou de *automatismo de sua gênese técnica*. (Grifo do autor) (Dubois, 1993, p. 25)

De acordo com Borges (2003), o surgimento da fotografia permitiu à sociedade uma nova forma de representação dos grupos sociais. No início do século XX, a fotografia passa a pertencer a grupos familiares, participando na perpetuação da memória e dos costumes reproduzidos por esses grupos. De acordo com Mirian Moreira Leite, nesse período, como a fotografia é utilizada para reforçar a integração do grupo familiar, reafirmando o sentimento que tem de si e de sua unidade, tanto

tirar as fotografias, como conservá-las ou contemplá-las emprestam à fotografia de família o teor de ritual de culto doméstico, em que a família pode ser estudada como sujeito e como objeto. (Leite, 2000, p. 87).

Portanto, a partir de então, é possível observar a importância que a imagem adquire na sociedade. Knauss (2006, p. 99) descreve que a “imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido da visão humana”. Mas a imagem também é memória. Catrogra (2001, p. 66) define a memória como “uma das expressões da condição histórica do homem”. Desse modo, a fotografia permite suprir as falhas da memória, como se remeteu Bourdieu (2003).

O Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, durante o século que se passou, da mesma forma que outros grupos sociais, passou a registrar os momentos que considerava importantes, considerados especiais, fazendo uso da fotografia para tal registro. Observa-se uma grande quantidade de registros fotográficos que foram realizados ao longo de sua história de 89 anos, de acordo com os registros da instituição. Isso se deve ao fato de o ambiente educativo ser visto como uma extensão do ambiente familiar. Segundo Leite,

a sala de aula representa uma situação extrafamiliar. Contudo, a sua frequência, e a relação professor/a e alunos/as impressa nas fotografias e as ligações fraternas ou indiferentes dos colegas parecem significativas para [uma] comparação com as do grupo familiar. (Leite, 2000, p. 74)

Barthes (1984), explica que a fotografia perpetua o passado, carrega consigo as representações sociais e o cotidiano de determinada época. Ela envolve, transmite, evidencia e instiga o observador a analisar aquele indício de realidade que se apresenta na fotografia, provocando emoções universais e distintas a cada indivíduo que a observa. Nesse viés o uso da fotografia ultrapassa, assim, a imagem que visualizamos. Reconhecer, portanto, as representações que estão presentes nas imagens é imprescindível. Borges ensina que a imagem fotográfica

apresenta-se como uma linguagem que não é nem verdadeira nem falsa. Seus discursos sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de mediação

dos tempos culturais. Constituem modos específicos de articular tradição e modernidade. Por tudo isso, sabe-se que uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz. (Borges, 2003, p. 80)

Isso posto, com o uso das imagens, será possível demonstrar como é rica e valiosa a história que se revela por meio da análise de fotografias dessa escola. Para Possamai (2005, p. 32), a utilização da fotografia pelos historiadores “deixaria, assim, de ser considerada mera duplicação da realidade para ser inserida na construção de sentidos e de significações sociais”.

## **RITOS CÍVICOS NO ENSINO ESCOLAR**

O século XX caracterizou-se como um período de exaltação do sentido de pertencimento pelas nações. Catroga menciona os símbolos que são criados nesse momento, com o objetivo de cultuar a pátria. O autor esclarece:

Este foi o período em que aqueles símbolos serão verdadeiramente institucionalizados como símbolos nacionais, consolidando uma religiosidade cívica que atingirá o seu cume a seguir à I Guerra Mundial, pois com este “grande acontecimento” intensificou-se ainda mais a sacralização do político, que a contemporânea emergência de regimes totalitários levará às últimas conseqüências. (Grifo do autor). (Catroga, 2006, p.256)

Nesse cenário, através das comemorações cívicas, o Estado passou a cultivar, dentro dos estabelecimentos de ensino, a memória coletiva nacional, as quais passaram a fazer parte do calendário comemorativo das escolas. Nesse sentido, explica Bencostta que os desfiles dos quais as escolas participavam

são uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos seus atores, o que nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possui acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de modo duradouro na memória social de

um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço histórico. (Benconstta, 2004, p. 6)

Assim sendo, a análise de fotografias escolares torna imprescindível a compreensão do papel da educação como formadora de discursos e significados. Além disso, lembra Hobsbawm (2003) que, junto com o discurso proferido pelos professores da época, estavam as noções de progresso e racionalismo. Para confirmar as suas palavras, Bourdieu (2010, p.41) descreve o sistema educacional como “um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural”.

No Brasil, o cultivo da identidade nacional ganha grande expressão a partir das décadas de 30 e 40 (século passado) com o período denominado *Era Vargas*, incentivado pelos movimentos de cunho nacionalistas, advindos da Europa, período em que Luca (2008) relata existir um esforço significativo no sentido de construir uma imagem do Estado, e, nesse momento, começam a fazer parte da educação os rituais cívicos através da obrigatoriedade imposta aos calendários escolares.

Na política desenvolvida por Getúlio Vargas e na consolidação do Estado Novo, criou-se o Ministério da Educação e Saúde, comandado primeiramente por Francisco Campos (1930-1932) e, posteriormente, por Gustavo Capanema (1932-1945). Fausto (2006) lembra que a orientação centralizadora desenvolvida pela ditadura do Estado Novo acompanhara da mesma forma centralizadora as ações na educação brasileira. Nesse sentido, Rosa leciona que

os jovens foram presença constante nas manifestações cívicas organizadas pelo Estado através do DIP. Havia várias datas comemorativas como: o “Dia da Raça”, “Dia da Pátria”, “Dia da Juventude”, “Dia do Trabalho”, “Dia do aniversário do chefe da nação” dentre outras. Entender esse processo é compreender como jovens e crianças, já cedo, eram preparados para a aceitação e assimilação de idéias de ordem, patriotismo, culto à pátria e ao presidente Getúlio Vargas e como eles destacavam-se e preparavam-se para participar nos rituais cívicos, considerados os momentos máximos de exaltação popular de louvor ao país e ao presidente. (ROSA, 2007)

Nas escolas da cidade de Torres, os desfiles tornaram-se tradicionais, considerados datas importantes no calendário escolar. Portanto, muitas das imagens encontradas pertencem à temática de desfiles cívicos. Na figura 1, a solenidade representada ocorreu no ano de 1933, entre os dias 9 e 14 de outubro (como a fotografia indica). Nesse período, o Grupo Escolar da Vila de Torres, atualmente denominado como Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias celebra a Semana da Raça. A fotografia foi tirada à luz do dia no conhecido Morro do Farol, antiga localização da escola, hoje transferida para uma região central da cidade. Os arquétipos verificados no período são identificados a partir da visualização da postura e da rigorosa organização imposta a alunos e professores: meninos de um lado, meninas de outro, e os (as) professores em outro, evidenciando a hierarquia escolar. Os alunos com idade média aproximada entre 7 a 8 anos, estão trajando uniformes, que são distintos de acordo com o sexo dos alunos. Ao observar as meninas e os meninos, é possível notar que a pose é padronizada; nesse norte, lembra Fabris (2004, p. 34) que “a padronização de um certo comportamento impõe-se ao corpo todo, determinando posturas e normas gestuais”. No entanto, há uma leve diferenciação entre a postura dos alunos e a das alunas que se mostra sutilmente na imagem, na qual os meninos revelam uma suave descontração que é perceptível em seus gestos, nos olhares, na forma como se mostram à câmera fotográfica. Entretanto, as meninas revelam uma postura mais firme, evidenciando certo incômodo com a exposição à câmera fotográfica, ou seja, elas não se mostram à vontade diante da objetiva, atitude que se mescla ao mesmo tempo com uma expressiva timidez. Dessa forma, é possível observar que a imagem revela, portanto, qual é a posição do papel feminino na educação desse período, período que engrandece o homem, o herói, numa sociedade em que a quase totalidade dos heróis nacionais são do sexo masculino, evidenciando um momento em que diferentes discursos aparecem reunidos, e que, através dos ritos cívicos, são incorporados pela sociedade.



Figura 1 – Semana da Raça, realizada no Grupo Escolar da Vila de Torres, de 9 a 14 de outubro de 1933

Fonte: Acervo da Escola Estadual de Educação Márcílio Dias.

Ao longo desse período, conhecido como Era Vargas, os padrões estabelecidos se mantiveram, como é possível perceber na próxima imagem (figura 2) que foi fotografada no ano de 1939, partindo de onde se encontrava o prédio da instituição escolar, logo passando pela igreja matriz Santa Luzia e percorrendo a Rua José Picoral, umas das principais vias da cidade nesse período. Essa rua que atualmente é conhecida pelo casario antigo, serve de ponto turístico à cidade. A fotografia apresenta um momento cívico, que ocorreu durante o período da tarde como se pode observar pelas as sombras da fotografia, e que conta com a participação da comunidade torrense, além de alunos do Grupo Escolar da Vila de Torres.

Adultos se postam à frente, revelando um dos principais elementos que constroem a natureza desses eventos, ou seja, a banda. Logo após a banda, segue a representação do poder político-militar instaurado, representado por oficiais do Exército, e, após esses componentes, estão os alunos. Todos os integrantes do desfile marcham

pela rua sob os olhares atentos da comunidade. Faixas e bandeiras são levadas pelos alunos. Assim como na primeira imagem identifica-se que os alunos estão vestidos para a ocasião, com roupas que remetem à imagem pudica, e que somente se diferenciam através dos sexos. A imagem, ao mesmo tempo, revela uma rígida disciplina.



Figura 2 – Apresentação Cívica na rua José Picoral, na cidade de Torres, em 1939

Fonte: Acervo da Escola Estadual de Educação Márcílio Dias.

A próxima imagem – figura 3 – segue um pouco mais no tempo, pois se situa, agora, nos anos de 1942, quando é festejada a Semana da Pátria, no dia 6 de setembro. O desfile segue pela Rua José Picoral denotando a importância desse trajeto para a população. Fica clara a importância desses eventos para o sistema educacional que os organiza.

Portanto, é possível concluir que a realização desse registro e a sua manutenção na instituição escolar têm a característica de assentar a

memória, todavia, com caráter político fortemente enraizado. As bandeiras levadas por dois homens, representantes do povo, demonstram claramente uma relação simbólica estabelecida – a Bandeira do Brasil levando a mensagem de *ordem e progresso* aos civis presentes – porém, ao lado da Bandeira brasileira, se observa uma bandeira que até o momento não foi possível identificar a sua origem. A imagem nos instiga ao questionamento: Qual seria o seu papel nesse desfile?, visto que está sendo levada em nível de igualdade junto com a Bandeira Nacional. Seria essa bandeira mais um símbolo imposto pelo Estado Novo? Seria a bandeira que representava o grupo escolar? Ao mesmo tempo, poderia a bandeira estar representando o Município de Torres? Seria a bandeira de um time de futebol? Até o momento, uma incógnita permeia os significados dessa imagem, que se revela em suas aparências, mas que não se dá por completo aos olhares do receptor, o que permite um reconhecimento parcial quanto aos seus significados. A possibilidade de múltiplas interpretações solidifica-se e se perpetua na imagem fotográfica (Kossoy, 2007).

Conforme destacam Fischman e Cruder, (Fischman; Cruder, 2003, p.43) “neste processo de esconder-e-revelar, não podemos presumir que as imagens sejam absorvidas com precisão pelo observador, que o significado de cada foto seja instantaneamente compreensível e explícito em si sobre si”.



Figura 3 – Semana da Pátria em Torres, em 6 de setembro de 1942  
Fonte: Acervo do Banco de Imagens de Sons Ulbra Torres

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou a análise de imagens fotográficas, com o intuito de resgatar um pouco da história da educação na cidade de Torres, através dos momentos celebrativos que aconteciam todos os anos e que até o presente momento ainda fazem parte do calendário escolar. Nesse sentido, são válidas as palavras de Ortiz (Ortiz, 2006, p. 50): “A ideologia da educação moral e cívica veiculada nas escolas tinha como pressuposto a necessidade de se construir a nacionalidade através da atividade pedagógica”.

As imagens fotográficas apresentam relações de poder, e essas imagens, como bem descreve Sontag (2004), são instrumentos de poder, sendo que a disciplina é uma de suas grandes características; alunos e alunas, assim como os professores a cultuam, como parte do processo civilizador do período.

Da mesma forma, são perceptíveis os processos de formação da identidade nacional, o culto ao nacionalismo e o reflexo internacional, que adquiriu particularidades em nosso país, pois, apesar da forte ação do Estado, a população a sente como parte integrante de todo o sistema, já que também as ações governamentais não se realizam pela da imposição constante do poder sobre a grande maioria da população.

Para Ávila (2009, p. 15) “ao valorizar-se a criança, a família, a escola e a preparação para o trabalho, a escola passou a dividir a responsabilidade formadora desse novo cidadão, trazendo consigo a noção do processo disciplinador”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ÀVILA, Éverton Gonçalves. *Territórios da exclusão: investigações em representações sociais*. In: POSSAMAI Hélio; GUARESCHI Pedrinho (org.). Porto Alegre: Abrapso, 2009.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolar de Curitiba: 1903-1971*. 2004. <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/034.pdf>

Acessado em 15/06/2011>. Acesso em : 15 jun. 2011.

BORDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: G. Gili, 2003.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CATROGA, Fernando. *Entre deuses e Césares: Secularização, Laicidade e Religião Civil*. Coimbra: Almedina, 2006.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

DUBOIS, Phillippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus,

1993.

FABRIS, Annateresa. *A invenção da fotografia: repercussões sociais*. São Paulo: Edusp, 1997.

FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma Leitura de Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. *Educação & realidade*. Fotografias Escolares Como Evento na Pesquisa em Educação, Porto Alegre: UFRGS, v. 28, n. 2, 2003.

FAUSTO, Boris. *A história concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual*. *ArtCultura*, v. 8, n. 12. 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. In: SAMAIN Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec. 2005.

\_\_\_\_\_. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê, 2007.

LEITE, Miriam. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSA, Josineide. A construção da brasilidade: a política educacional no Governo Vargas: 1930-1945. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*, nº 4, dez. 2007.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

POSSAMAI, Rita Zita. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos: Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.